



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VI - Nº. 63

Arcanjo da Estação Outono: MIGUEL

Junho 2008

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

O aprendiz

Trabalhei muito tempo como aprendiz no Templo em construção. Ninguém me elogiava, ainda que trabalhasse com todo o afinco; designaram-me, o contrário, um companheiro mais prático, que nos instantes de folga, instruía-me no ofício.

Certo dia dirigi-me ao sitio onde trabalhava e vi, não muito longe, uma pedra abandonada sobre o solo, sobre a erva, cuja escultura chamou-me atenção; mostrei-a ao meu camarada, perguntando-lhe por que tinha sido ali esquecida.

“Essa pedra”- respondeu-me – “É uma obra de arte, porém, não se adapta ao plano da construção”.

Fiquei profundamente surpreendido.

“Reparai”- continuou – aqui há um guerreiro em relevo, ali uma mulher, mais além a esquerda, outra mulher com uma flauta; em baixo, uma figura de Narciso, contemplando-se a si mesmo; em cima, um déspota, cujos escravos oferecem-lhe incenso, e ao redor de tudo, uma grinalda de louros. Quando o Mestre mediu essa pedra, a rejeitou”.

Fiquei assombrado. Julgava que o trabalho e a boa vontade desse companheiro devia Ter merecido alguma consideração.

Meu companheiro indicou-me a oficina e afirmou severamente:

“Si cada trabalhador trabalhasse, como lhe parecesse, a sua pedra, seria impossível ajustá-las, perfeitamente, na edificação do Templo. Cada peça precisa ter as dimensões exatamente necessárias; o que trabalha sem observar essas medidas rigorosas, trabalha por sua conta e não para o Templo. A obediência é o dever primordial da aprendiz e do companheiro. Sem o fiel cumprimento da lei não pode haver a mínima recompensa. Aí vem o Vigilante; preciso volver ao meu trabalho, se quiserdes podereis acompanhar-me”

Conduziu-me junto a uma pedra lavrada, cuja ornamentação, de uma simplicidade absoluta, não me passou despercebida, e devia unir-se a outras, afim de formar o conjunto desejado. Salientei a falta de expressão individual da escultura e ele respondeu-me laconicamente:

“O plano do Mestre necessita deste trabalho”.

O Vigilante aproximou-me, contemplou a pedra que meu camarada havia cinzelado, mediu-a com a régua, o compasso e o esquadro, murmurando, depois de minucioso exame:

“Proporções justas; em tudo as medidas do Mestre, e terminada com esmero; não há jaça nem falha”. “Quando o Mestre examinar esta pedra, assiná-la-á, ele próprio, o seu mérito real”. “Trabalhastes com carinho e zelo, a feição do conjunto é a

vontade do Mestre, que vos colocará, certamente, num plano de maior atividade”.

Partiu o Vigilante. Os olhos do meu companheiro demonstravam a sua emoção enquanto eu me sentia confuso. Ele, então, falou deste modo: “Não mereci o que me deram, o meu maior prazer era obedecer-lhe, é excessivamente indulgente e demasiadamente bom”. “Que este exemplo vos dê ânimo e fervor” !

Notou a minha confusão e continuou:

“Não desesperéis nunca”. “Quem sabe querer, alcança com facilidade”. “Quereis mostrar-me o vosso trabalho”?

“Agora não”- respondi - “outra vez em que esteja mais tranqüilo”.

Ele calou-se. Senti, porém, que não estava em situação de julgar por mim, o meu ser mais interno o dizia.

“Pequei da sua mão e exclamei: - “Vinde comigo”.

Levei-o ao local onde estava a minha pedra. Assim que a avistou foi dizendo: “Nada fizestes”. “Aproximai-vos e examinai-a”- murmurei.

Olhou, tristemente, o meu trabalho, parecia indeciso sobre se devia falar-me ou guardar silêncio”.

“Não podeis contestar que trabalhei muito”.

“Sim – respondeu tranqüilamente – “todos julgam que trabalham muito, todos pensam do mesmo modo”. “Todos cometem este erro e felizes dos que percebem essa verdade”.

“Preciso que me consoleis da minha cegueira, da minha obstinação, do meu orgulho, do meu tempo perdido”.

“Quem tem coragem de corrigir os seus erros, nada perde”. – foi a sua resposta.

Examinou o meu trabalho, detalhadamente. No meu entender era uma obra-prima. Esculpira relevos tão pronunciados, que cada um parecia formado para constituir uma peça a parte, qual pirâmide projetada de um só ponto. Não podia imaginar a supressão dessas pirâmides e tra-

tava de ajustá-las o melhor possível em uma forma retangular. Cada bloco custara-me um grande esforço. Onde havia espaço coloquei vários desenhos; aqui a música, ali a poesia, deste lado uma casa, do outro um templo, um grupo de crianças em torno dos pais, festas populares, campos de batalha, reformas políticas. Em uma palavra, todos os conhecimentos capazes de interessar o homem.

“Fizestes, realmente, muitas coisas”- disse meu companheiro.

“Mas, que significação tem o meu trabalho”? – perguntei.

“A significação de que sois capazes de trabalhar”. “Sereis capaz de ouvir um conselho”? – perguntou-me.

Inclinei a cabeça e continuou:

“Nunca estive na oficina do Mestre e, por conseguinte, não posso explicar o plano da construção, em que trabalhamos; porém, do que tenho ouvido posso concluir que esse plano foi traçado com a máxima sabedoria e ainda que faltassem miríades de séculos para a sua conclusão não seria alterado em nenhuma das suas linhas, por mais insignificantes. Não sucede a esta construção o mesmo que poderia suceder a outra qualquer; o seu plano não depende do lugar, dos materiais, dos meios do construtor e outros mil detalhes. Não pode, também, este plano sofrer alterações, durante a respectiva construção. O plano do Templo é diverso; o da nossa construção é único. Quando se termine este nobre Templo, sua infinita extensão exprimirá um único pensamento. Uma única idéia. Agora, podeis compreender, porque foi rejeitada a pedra, que primeiro encontramos, e aprender a trabalhar a vossa”.

Dito isto, apertou minha mão e retirou-se.

Fiquei, por muito tempo, de olhos baixos, ressentido, sem poder afastar-me daquele lugar.

No dia seguinte fui examinar a minha pedra e não pude reprimir minha satisfação ante a sua beleza e monologuei: “Não

se pode contestar o valor deste trabalho". "O meu esforço". "O requinte, a perícia artística da sua execução". "Mas, ocorreu-me logo. Para quem trabalhei? De que maneira utilizei as minhas capacidades? Para a minha satisfação e prazer egotistas, em meu exclusivo interesse, dentro de um plano individual". Fiquei silencioso e ouvi, como um eco distante, uma voz interna que me dizia: "O que é inútil ao plano do Mestre deve ser rejeitado".

Apanhei, imediatamente, a minha ferramenta e não descansei enquanto não destruí, na pedra o maior dos relevos. Quando caiu, senti como se uma parte de minha vida tivesse extinguido e me senti realmente aniquilado. Nesse dia não pude fazer mais nada. No dia seguinte mantive a mesma luta, isto é, continuei a minha obra de destruição, até que destruí todas as pirâmides. E, ao lado desse bloco de pedra, assim mutilado, experimentei a sensação de que me achava esquecido e separado do resto do mundo. Blasfemei contra a minha habilidade, contra mim mesmo, contra a Natureza e não obtive socego enquanto não vi, completamente, extinta a minha obra, isto é, enquanto não me afastei, inteiramente do sitio onde trabalhava. Mas, senti que ainda era atraído. Comecei a duvidar da vitória contra mim mesmo. Decidi despedaçar o que restava da minha obra e assim fiz, reduzindo-a a pó. Agora, nada restava capaz de atrair-me e trabalhei quase sem sentir a minha áspera pedra. Quando, finalmente, encontrei o meu companheiro, ela apertou-me a mão e indagou o que havia feito. Levei-o ao lugar da destruição e abraçou-me efusivamente.

"Vencestes"- disse -me - "destes o primeiro passo . Avançastes ousadamente, breve descerá sobre vós o Espírito da Paz. Nestes últimos tempos tive a graça de ingressar nas dependências do Mestre. Tudo que nos diz é verdade e não posso

acrescentar mais nada. Sede firmes. A sabedoria está próxima e nos conduzirá."

Dito isto, partiu.

Continuei a minha obra e pouco a pouco vi como se obscureciam as imagens do passado, até que cheguei a convicção de que as leis que fazemos não nos permitem satisfação e que só a Lei Eterna pode trazer-nos liberdade . Minha pedra foi lavrada e aceita; entreguei-a a meu companheiro e então pude penetrar no santuário do Mestre e ouvir a sua voz. Ali adquiri a certeza absoluta de que só o que faz parte do plano do Mestre é aceito; o mais é posto de lado. Onde e como? A voz guarda silêncio.

Eterna Luz, conduz-nos! Se nos dás a pedra, ajuda-nos a cinzela-la ! O que devemos esculpir em primeiro lugar é o Amor. Só através do Amor é possível a União Eterna; este sentimento é a verdadeira fonte de felicidade.

Franz Hartmann – Gnose maio 1938

Crata Repoa III (continuação)

iniciação aos Antigos Mistérios dos Sacerdotes do Egito (continuação)

TERCEIRO GRAU – A Porta da Morte

O Novo iniciado recebia o nome de Melanéforo.

Tendo o Neócoro se tornava digno desse grau pela sua inteligência e boa conduta, preveniam-no do momento de sua recepção.

Era conduzido pelo Tesmóforo a um vestíbulo acima de cuja entrada estava escrito "Porta da Morte".

Esse vestíbulo estava cheio de múmias e sarcófagos figurados; desenhos análogos lhe ornavam as muralhas. Como se tratava de local onde se depositavam os mortos, o novo Melanéforo aí encontravam os "Parakites", (que abriam os cadáveres), e os

“Heróis” (homens sagrados que embalsamavam os mortos), ocupados em seus misteres. No meio estava colocado o ataúde de Osiris, que por causa de seu assassinato, suposto recente, tinha ainda traços de sangue.

Perguntavam ao novo Melanéforo se havia tomado parte no assassinato de seu Mestre. Depois de sua resposta negativa, dois “tapixeytes” dele se apossavam.

Conduziam-no para uma sala onde se encontravam os outros Melanéforo, vestidos de preto. O próprio rei, que sempre assistia a essa cerimônia, abordava o Recipiendário, com ar gracioso, e lhe apresentava uma coroa de ouro que lhe propunha aceitar se não se julgasse com coragem bastante para enfrentar as provas a que ia ser submetido.

O novo Melanéforo, entretanto, sabendo que devia rejeitar essa coroa, calcava-a aos pés.

O rei exclamava, então: “Ultraje! Vingança!” e, tomando do machado de sacrifício, com ele tocava brandamente a cabeça do Melanéforo.

Os dois “Tapixeytes” derrubavam o Recipiendário; os “Parakites” o envolviam com as ataduras das múmias. Durante essa cena todos os assistentes gemiam em torno dele. Transportavam-no para uma porta onde estava escrito: “Santuário dos Espíritos”. No momento em que a abriam, ouviam-se trovões, brilhavam relâmpagos, e o pretense morto se achava cercado de fogo.

Caronte dele se apoderava, como se fora um espírito, e o fazia descer aos juizes da margens sombrias.

Plutão, sentado em seu trono, tinha ao lado Radamanto e Minos, bem como Alecton, Nicteus, Alastor e Orfeu.

Esse tribunal formidável interrogava-o severamente sobre todo o curso de

sua vida e, finalmente, condenava-o a errar nas galerias subterrâneas.

Desembaraçavam-no, em seguida, dos envoltórios e de todos os trajes mortuários.

Recebia, então novas instruções, assim concebidas;

1 – Nunca Ter sede de sangue e auxiliar sempre os membros da Fraternidade, em caso de perigo de vida;

2 – Nunca deixar um morto insepulto;

3 – Esperar uma ressurreição dos mortos e um julgamento futuro (este dogma não é egípcio; pode ser atribuído a Platão, que teria compreendido mal os mistérios hindus)

Obrigavam-no, nesse grau, a se ocupar, durante um certo tempo, do desenho e da pintura, porque fazia parte das funções do Melanéforo decorar os sarcófagos e as faixas das múmias.

Um sistema de escrita especial lhe era ensinado, denominavam-na hierogramatical e lhe era tanto mais útil quanto a história do Egito, a geografia, os elementos de astronomia que eram grafados nessa língua.

Recebia também lições de retórica afim de poder proferir em público as orações fúnebres.

O sinal de reconhecimento consistia em um abraço peculiar, cujo objetivo devia exprimir o poder da morte; a palavra era “Monach Caronmini” - (“conto os dias da cólera”)

O Melanéforo permanecia nessas galerias subterrâneas até que pudessem julgar, se seria capaz de progredir em ciências mais elevadas, ou se não, poderia ser aproveitado como “Parakite” ou “Herói”, porque aí deveria passar o resto de seus dias, se não chegasse aos verdadeiros conhecimentos.

(in L’Initiation) – Gnose setembro 1938